

UM HOMEM INQUIETO: GOETHE

João Ribeiro Junior

Johann Wolfgang von Goethe nasceu a 28 de agosto de 1749, em Frankfurt am Main, e morreu no dia 22 de março de 1832, em Weimar. Foram seus pais Johann Kaspar Goethe e Elisabeth Textor Goethe.

Goethe fez seus estudos acadêmicos em Leipzig e em Strasbourg. Foi advogado até ser chamado, em 1755, para a Corte do grão-duque Carlos Augusto de Weimar, onde exerceu todos os cargos importantes: Conselheiro, Ministro e Presidente da Câmara.

Vivendo em uma época em que a gigantesca vaga cultural, que se formou no choque entre as culturas colonialista-escravista e industrial-urbana, que produziu personalidades dignas da grandeza do momento histórico, Goethe foi um Homem entre os grandes homens. Ele conferiu à vida um novo caráter sagrado.

Nesta época efervescente viveram Napoleão Bonaparte, Hegel, Beethoven, Schiller, Lord Byron, para apenas citar alguns nomes.

Goethe é o paradigma absoluto de homem de ação e de criatividade. A sua personalidade representa uma total e absoluta modificação da consciência cultural. É o fundador de uma cosmologia (*Weltanschauung*), ainda hoje válida, e para a qual, principalmente nós brasileiros, não estamos sequer amadurecidos.

No seu universalismo ideal e prático parecem fundir-se, em superior unidade, todos os opostos: é o grande conciliador da natureza e do espírito, da poesia e do pensamento filosófico, da idéia e da realidade, da cosmologia e da história do indivíduo e da sociedade, da personalidade e da comunidade.

Ninguém, antes ou depois dele, sondou com tão penetrante clareza os enigmas da alma e da poesia. Como asseverou: “o conteúdo poético é o conteúdo da própria vida”.

Goethe foi um homem voltado para todo o conhecimento; uma raridade hoje, neste mundo das especializações (mundo dos *experts* em decisões). É de se lembrar que Sócrates já ridicularizava, em sua época, e ria-se do afã extremado dos sofistas em quererem dar um valor excessivo à especialidade, como se aí apenas houvesse o único caminho para o conhecimento humano trilhar com segurança a sua marcha.

Goethe penetrou na Geologia, na Mineralogia, na Ótica (seu livro **Teoria das Cores** é notável. Segundo Israel Pedrosa — **Da Cor à Cor Inexistente** — “os princípios levantados pela **Teoria das Cores** — em que pese a seus conhecidos equívocos — são as bases das artes visuais do século XX.” Goethe vangloriava-se de tal modo deste trabalho que, em **Carta a Eckermann**, datada de 19 de fevereiro de 1829, escreveu: “De tudo o que faço como poeta, não tenho a menor vaidade. Bons poetas viveram ao mesmo tempo em que eu, outros melhores ainda antes de mim, outros virão mais tarde; mas que no meu século eu seja o único que conheça a difícil ciência das cores, disso me vanglorio um pouco, e é por isso que tenho o sentimento de uma certa superioridade.”

E em tudo, Goethe mostrou sua habilidade de desenhista, ilustrando suas obras.

E o que dizer, então, na Literatura ?

Como participante do movimento pré-romântico **Sturm und Drang** (Artigos de Lessing sobre Shakespeare, onde tenta reformular o classicismo, abandonando a versão francesa e substituindo-a por uma interpretação liberal de Aristóteles, ajudaram a inspirar o movimento), — orientado por Herder, Goethe escreveu **Os Sofrimentos do Jovem Werther** (*Die Leiden des Jungen Werther*), no curto espaço de três meses, em 1774, que lhe valeu renome mundial. O romance não é só a história de uma louca paixão, mas, também, o exemplo de como um jovem, arrebatado pelas emoções, pode perder as energias, a força moral, a própria razão de viver.

Em vida, Goethe publicou mais de quarenta obras. Sua obra síntese é **Fausto**, que iniciou em 1775 e retomou em 1790, 1801, 1825, 1827, 1829 e 1831. **Fausto** representa todas as metamorfoses da existência de Goethe como homem universal. Esta tragédia ensina-nos que a ação como tal, se indiferente quanto ao fim e ao modo de levá-la a cabo, pode conduzir à juventude. O puro afã de atividade degenera em violência e se transforma em portador da morte.

A figura de Fausto no século XVI aparece em múltiplos relatos e narrativas, mas são raros os dados que permitem reconstruir a dimensão histórica do personagem real. Entretanto, é possível afirmar, de acordo com relatos históricos, que entre os anos de 1480 e 1540, aproximadamente, viveu um professor de Heidelberg de nome Georg Faust, discípulo de Lutero, de duvidosa reputação.

A época em que viveu era de transição e de crise. Copérnico havia pronunciado, no ano de 1500, em Roma, as suas célebres preleções astronômicas, para o desespero da Igreja, que ainda adotava o sistema ptolomaico, que tinha a Terra como centro do Universo. O movimento da Reforma se anunciava e as agitações sociais, que viriam caracterizar

o século XVI, começam a manifestar-se. Moviam-se as guerras dos camponeses; os levantes da pequena nobreza estavam na ordem do dia, enquanto as estruturas eclesiásticas se viam abaladas.

Em 1506, apareceram as primeiras menções históricas acerca de Fausto, logo famosos por suas alianças diabólicas, e seus efeitos considerados sobrenaturais. Firma-se, assim, a lenda, muitas vezes modificada, que ainda no próprio século XVI é realçada pela primeira versão literária.

O editor Iohan Spies publica em 1587, em Frankfurt, a **História do Doutor Fausto**, de autor desconhecido. Em 1604, o poeta inglês Marlowe escreve **A Trágica História do Doutor Fausto**, onde afirma que o inferno está em nós mesmos. Em 1685, é apresentada a primeira dissertação universitária a respeito do assunto na Universidade de Wittenberg, examinando a vida do grande mágico, e concluindo por bani-lo “academicamente” da vida real, uma vez que o transfere, juntamente com o chamado “romance mágico”, para o campo da pura imaginação.

Sabe-se que Goethe inspirou-se no teatro de fantoches (**puppenspielle**) e em todos os relatos acessíveis, relativos ao Fausto, desde a **História do Doutor Fausto** até as histórias que, anonimamente, se encontravam em circulação, centradas em feiticeiros ou curandeiros, que teriam vendido a sua alma ao diabo em troca de fortuna, eterna juventude, ou amor.

O **Fausto** de Goethe é o símbolo da vida humana. É o grande drama do saber e da paixão. Na primeira parte, publicada em 1808, a trama é o pacto de Fausto, que aspira a uma verdade superior, com Mefistófeles, a antítese das boas qualidades do sábio. Ou em outros termos: o conflito entre o desejo de infinito e a sujeição do instinto, que complementam-se perante Deus.

Nele combinam-se a rebelião e o querer irrefletido de Prometeu com o pessimismo de Werther. E a aliança com Mefistófeles. nada mais é que a busca sem peias nem limites do próprio infinito, por sobre as barreiras do finito. Neste impulso de atividade pura, há um duplo pecado: contra Deus, porque o pacto com o diabo é um pacto com a negação de Deus; e contra o homem, porque sua rebelião contra a ordem cósmica é um abandono da humanidade. Mas, em Fausto, há algo de positivo, que Mefistófeles não possui, por não ter um órgão para as coisas superiores. O positivo está justamente no seu impulso dissonante, nesta dualidade antitética que ora o atira, na sua sede titânica, para o saber sobre-humano (Mefistófeles), ora o lança ao amor do mundo finito que o faz feliz (Margarida).

A tragédia de Margarida (Gretchen) é um dos mais belos e comoventes momentos da poesia alemã.

Na segunda parte do **Fausto**, cuja redação efetiva deve estar entre 1826 e 1832, temos um poema metafísico, onde Fausto (a ciência) casa-se com Helena (a beleza) e dessa união (símbolo da iniciação, o **Mysterium Coniunctionis**, i. é., a composição dos opostos psíquicos na Alquimia) nasce Euforion (a alma perfeita).

Fausto será redimido pela suprema harmonia universal no seio de Deus, que transforma o mal em bem. A tentação satânica está a serviço de Deus, assim, **Fausto** transforma-se num drama de redenção em que, através da culpa, o herói ascende à pureza e à libertação transcendente.

Como escreve Goethe: “A razão participa mais (...) A efbulação teve de aproximar-se da idéia e por fim desposar os seus contornos (...) O tratamento do assunto teve de abandonar o específico e entrar no genérico, porque especificação e variedade são apanágio da juventude”.

Esta segunda parte tende para o lirismo e para a epopéia. Fausto torna-se, então, o símbolo da humanidade que erra enquanto age, mas que deve agir para atingir o ideal que ela mesma entreviu.

Um dos momentos mais belos e comoventes do **Fausto** são os seguintes versos, que, numa simplicidade profunda, Goethe coloca na boca de Fausto, quando este comete o pacto com o diabo:

Se disser ao momento quando foge
 És tão belo, demora-te ! Encadeia-me,
 Sucumbo satisfeito ! Que então dobre
 Por mim a campa de finados, cesse
 O serviço que fazes, sê liberto;
 Pare o relógio e o ponteiro caia
 De minha vida soe a hora extrema !

(trad. Agostinho d’Ornellas)

Goethe quis atingir a unidade interna do homem, purificando-a mediante uma interpretação espiritual superior do sentido da existência. Assim, toda a sua obra representa uma ascese que parte dos poderes e fundamentos vitais, de caráter físico-material e que se afloram na sua juventude, até a espiritualidade luminosa.

Sem dúvida alguma, Goethe foi um gigante. O liberalismo do século XIX viu nele o seu ideal de vida, e interpretou o **Fausto** como o símbolo do homem alemão. Nietzsche irá demonstrar isto, e Thomas Mann irá alargar a compreensão total da mensagem goetheana, que nada mais é do que o drama do homem por excelência.